

Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade

FREIRE FILHO, João (org.). Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010. 296 p.

Para repensar a felicidade nos dias atuais

Por Gisela G. S. Castro¹

A iniciativa de João Freire Filho em organizar uma coletânea sobre como se dão as representações, propostas e expectativas a respeito da elusiva conquista da felicidade no mundo contemporâneo é, sem dúvida alguma, extremamente louvável. Tendo reunido em seminário excelente time de especialistas oriundos de diferentes setores, reafirmando a transdisciplinaridade intrínseca ao nosso campo de estudos, o atual coordenador do excelente Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro oferece aos leitores um instigante conjunto de quatorze reflexões que incluem os resultados iniciais de sua própria pesquisa, que focaliza os preceitos da “revolução da felicidade” proposta pela emergente corrente da psicologia positiva. Por meio dessa empreitada, o autor nos convida a também participar do urgente exercício de refletir e colocar em discussão alguns dos “duvidosos roteiros difundidos atualmente”, os quais, nas suas palavras, “por estarem tão disseminados, se afiguram como irretocáveis, imperativos”.

Não é difícil detectar que a felicidade tornou-se atributo central e por certo hipervalorizado no discurso sedutor que prevalece em nosso ambiente, permeado pelos diversos meios e processos de comunicação, ao qual Muniz Sodré (2002) denomina bios midiático. Nesta época de gestão do “eu” como produto no competitivo mercado das subjetividades, projetar-se como pessoa “dinâmica” e “de bem com a vida” tornou-se *must*. Coerente

¹ Psicóloga, mestre e doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ), atual coordenadora do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, São Paulo. E-mail: gcastro@espm.br

com essa ideologia hoje hegemônica, o lucrativo filão editorial da autoajuda comparece para reforçar a tese de que cada indivíduo é responsável pelo gerenciamento estratégico de sua própria imagem social. Segundo ensinam esses manuais, uma autoimagem favorável dependeria sobremaneira da correta administração de doses regulares da imprescindível autoestima. Esse ideário prêt-à-porter prega, sem qualquer pudor, que cada um deve ser o principal aliado de si mesmo na constante vigilância contra os desgastes provenientes do estresse do cotidiano e da inexorável passagem do tempo. Mais notadamente, seria imperioso erradicar sumariamente de nossas vidas quaisquer traços de angústia ou melancolia, escamoteadas pela noção corriqueira e simplista do “baixo astral”.

Independentemente de faixa etária, gênero, classe socioeconômica, situação familiar ou afetiva, (in)definição profissional etc., as regras do bem viver – leia-se do viver feliz – devem ser seguidas à risca para que não se padeça dos horrores da rejeição, do ostracismo ou do escárnio. Na draconiana dietética social prescrita para se atingir a felicidade almejada universalmente, “pecados imperdoáveis”, como excesso de peso, sinais de envelhecimento, fadiga, fraqueza, hesitações, inseguranças e incertezas, o tédio, os diversos tipos de padecimento e, sobretudo, a dor de existir que nos fazem humanos, quicá demasiadamente humanos, devem ser evitados a todo custo. É como se a própria condição humana estivesse sendo colocada em xeque nessa era “da felicidade compulsiva e compulsória”, conforme a define o organizador da coletânea.

Sob enfoques os mais diversos, perpassando os campos da psiquiatria, psicanálise, antropologia, sociologia, ciência política e estudos da comunicação, os textos que compõem essa obra indispensável abordam questões candentes, como a crescente privatização da felicidade; o infundável aperfeiçoamento das tecnologias do bem-estar; o “corpo perfeito”, como condição *sine qua non* para ser feliz nos dias de hoje; os distintos rearranjos socialmente operados nas representações e no tratamento do sofrimento; as muitas variações na definição de felicidade através dos tempos; o ideário neoliberal como substrato das concepções correntes do que é ser feliz, dentre outros temas relevantes.

O direito à felicidade no Brasil ao longo da história; certo imaginário construído por meio da espetacularização da pobreza e da violência nas inquietantes favela tours; a constituição dos regimes do bem nas mais diversas experiências de vida; os inúmeros projetos individuais de felicidade e o compromisso ético-estético na produção de subjetividades recebem ainda no livro análises sensíveis, aguçadas e pertinentes.

No âmago da sôfrega e incessante busca da felicidade nesses tempos sombrios, talvez se encontre aquilo que seria próprio da nossa espécie – a ânsia de expandir os limites simbólicos da realidade possível, sonhar o que nunca foi ou jamais teria sido, e ousar indagar: por que não?

A perturbadora questão ontológica de nossa humanidade parece subsumida pelos desígnios e bandeiras tão caras ao ethos contemporâneo, que preconiza a flexibilidade (para prescindir de garantias ao adaptar-se a cenários sempre instáveis e cambiantes), a autonomia (com sua problemática equação entre liberdade e responsabilidade, individual e coletiva) e a máxima performance (lapidada pelo sem-número de implementos disponíveis no mercado).

Em meio ao convulso cotidiano, cada vez mais pautado pela competitividade exacerbante, torna-se imperioso o escrutínio da impostura desse imperativo de felicidade que nos encanta e oprime. Nesse afã, vale ressaltar o estilhaçamento e a subsequente, sub-reptícia captura da condição humana pelas envolventes estratégias mercadológicas, aludindo ao sempiterno desvelar proposto por Fernando Pessoa:

*“Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,
Que felicidade há sempre!
Moram ali pessoas que desconheço, que já vi mas não vi.
São felizes, porque não são eu.”*
Ficções do Interlúdio / Poesias de Álvaro de Campos

Data de submissão: 10/2010

Data de aceite: 11/2010

